



A cidade como obra e espaço de lutas

André Luiz Neves Jacintho¹

Letícia Queiroz de Carvalho²

A cidade foi tomada pelo capital. Os espaços urbanos foram sitiados pelos seus “proprietários”. A rua pertence aos carros. Os prédios, às corporações nacionais e internacionais. O espaço urbano foi fetichizado e transformado em produto a ser consumido, através dos shoppings centers, dos grandes empreendimentos imobiliários etc. Aos mais pobres sobraram apenas os espaços periféricos e os resquícios da urbanização. Somos empurrados para cada vez mais longe dos centros e nos apropriamos apenas dos “restos” desse processo.

Para Lefebvre (2001), o motor da urbanização é a industrialização. Urbanização que não se encerra na questão da indústria, já que a cidade preexiste a ela, mas, em grande parte, advém dela. Não à toa, as maiores cidades brasileiras são as mais industrializadas: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília – esta não figura entre as mais industrializadas hoje, mas explica-se pelo grande fluxo de pessoas que recebeu durante sua construção, em 1960. Essa industrialização da cidade acabou por transformá-la também em produto. Um produto social, sem dúvida, trabalho materializado, mas ao mesmo tempo alienado. Alienado, pois, mesmo que produzida pelo trabalhador, não lhe pertence. Por concentrar em si grande parte das necessidades humanas da vida moderna – escolas, assistência médica, transporte, água, luz, esgoto, telefone, atividades culturais e lazer -, o solo urbano é disputado e torna-se mercadoria, pois pertence ao capital privado e quem quiser usufruir dele tem de pagar. Seu valor varia entre o valor de uso, que está relacionado àquilo que a cidade pode oferecer, e ao seu valor de troca, que variará de acordo com o tempo e o espaço.

A valorização dos espaços se dá através das condições que a localização oferece aos seus moradores. Quanto mais vantagens, mais valorizados. A questão do tempo relaciona-se com os usos e os costumes de cada sociedade. Diante dessa perspectiva, a realização de todas as necessidades da sociedade urbana se dá através do embate das classes sociais. A cidade se torna um campo de lutas. E parte dessa luta pode ser realizada a partir dos objetos culturais,

¹ Professor efetivo da rede estadual de educação do ES. E-mail: andretcho@gmail.com

² Doutora em Educação, Instituto Federal do Espírito Santo; Coordenadoria do Mestrado Profissional em Letras.
E-mail: leticia.carvalho@ifes.edu.br



em particular a literatura. Essa é a defesa que fazemos da literatura neste texto, por meio de um cotejo teórico entre estudiosos da paisagem urbana e de alguns teóricos do campo literário, destacando-se Candido (1995, 2002, 2004) em sua perspectiva da literatura como um direito.

Palavras-chave: Cidade. Literatura. Resistência.

